



---

## Entre o Êxtase e a Escrita O Diário Íntimo de Santa Teresa de los Andes

---

Between the Ecstasy and the  
Writing – Santa Teresa de los  
Andes's Intimate Diary

*Leandro Garcia Rodrigues\**

---

### Resumo

Vidas, trajetórias, frustrações, descobertas e constatações. Essas são algumas das diversas sensações percebidas quando pesquisamos a escrita diarística. Longe de serem escrita/narrativa da verdade, cada vez mais se percebe o tom de construção ficcional dos escritos autobiográficos. Escritos do sofrimento, a leitura de alguns diários traz à lume fantasmas e dores abafadas, expelidas no papel através de uma escrita desesperada. E tal situação piora quando Deus entra neste diálogo, como é o caso dos diários místicos dos santos. Neste artigo, queremos tratar de todas essas questões tendo como referência o *Diário Íntimo* de Santa Teresa de los Andes, monja carmelita chilena, canonizada pelo Papa João Paulo II em 1993. Teresa deixou um interessante arquivo pessoal composto de cartas, bilhetes, anotações corriqueiras e o mais importante, o seu Diário Espiritual. Publicado no Brasil apenas em 2000, é com esta edição que pretendemos levantar as referidas propostas teóricas.

**Palavras-chave:** Mística – Diário Íntimo – Escrita - Autobiografia

## Abstract

Lives, trajectories, frustrations, discoveries and verifications. These are some of the several sensations perceived when we research the daily writing. These narratives cannot be read as truth because we can feel the fictional intention in some of the autobiographical writings. Some of them were written during times of suffering, that's why these reading bring to light some unspoken ghosts and pains, spread into the paper through a desperate writing. This situation tends to get worse when God himself participates in this dialogue, as we can read in the mystical diaries of some saints. In this paper, we want to deal with these questions looking inside Santa Teresa de los Andes *Intimate Diary*, a Chilean carmelite nun, canonized by Pope John Paul II in 1993. Teresa left an interesting personal archive compound of letters, notes and the most important – her Spiritual Diary. Published in Brazil only in 2000, we are going to use this publication in order to do our study theoretic conclusions.

**Keywords:** Diaries – Autobiography – Mystical - Writing

## I – Algumas Questões Sobre Diários

**D**ias, semanas, meses, anos. Assim é a atividade de um diarista: tentar “aprisionar” o máximo da sua vida e de suas impressões em folhas de papel, “capturar” o que for possível para que não seja perdido nos espaços fluídos da memória. Recuperar tudo isso é a função nem sempre feliz do pesquisador – pois este pode se deparar com um outro mundo encarcerado e às vezes não desejoso de vir à lume.

É nesta perspectiva de pesquisa que encontramos o diário espiritual de Santa Teresa de los Andes, monja carmelita chilena que viveu no início do século XX. Santa Teresa, nascida em 13 de julho de 1900 e batizada Juana Enriqueta Josefina, abraçou a vida religiosa em 1919 e faleceu no ano seguinte com apenas vinte anos de idade e onze meses no Carmelo. Seu diário começou a ser escrito em 1915 e é pequeno, pois não o escrevia de forma regular, todavia é rico em considerações pessoais e espirituais.

Longe de ser considerado um simples espaço para anotações do dia-a-dia, o texto diarístico passou a exercer uma importância e um verdadeiro fascínio a críticos e pesquisadores, especialmente quando se

passou a considerar essas práticas textuais – diários, cartas, agendas, manuscritos, (auto)biografias e anotações em geral como passíveis de serem analisados pelo crivo especializado da crítica. Durante muito tempo a atividade crítica costumava separar escritos íntimos e ficção dentro do conjunto maior da obra do autor, o que era criado ficcionalmente era mais valorizado pois defendiam a idéia de que os textos pessoais eram passíveis de serem escritos por “qualquer” pessoa, ou seja, era um privilégio de muitos e não de poucos afortunados.

O diário registra e reflete as inquietações de quem o escreve. Mais do que um simples “guarda-memória”, esse tipo de texto testemunha as rupturas da vida não só do diarista mas também do seu tempo e do seu espaço – são representações do “eu” e de suas inquietudes; há um compromisso de escrita (um pacto) do autor se não para posterior publicação desses escritos, mas pelo menos para consigo mesmo – ele se torna o seu próprio receptor. De tanta complexidade, faz-se mister que analisemos algumas questões específicas:

## II – Entre o Público e o Privado

Uma questão muito discutida quando analisamos esse tipo de texto é a relação entre o público e o privado. Tradicionalmente, aceitamos a idéia de que a natureza intrínseca de um diário é o de espaço íntimo e “seguro” de quem o escreve; que é íntimo isso não questionamos, porém “seguro” e restrito a quem o escreve já não temos tanta certeza. O ato de escrever em diários é em si individual, sendo que cada época testemunhou esta individualidade de forma diferente. O século XIX exacerbou o recuo individualista do eu, o privado adquire um certo *status* de “postura de vida”.

Neste momento (que transcende o século XIX), uma das principais atitudes do sujeito é justamente buscar refúgio dentro do seu principal espaço íntimo – a casa e, mais especificamente, o quarto – lócus preferido daqueles que se destinam às escritas de caráter íntimo, principalmen-

te os diaristas. Há uma separação explícita entre os espaços público e privado, a vida cotidiana é sempre povoada de pessoas e agitações, logo o diarista se refugia e se fecha no seu mundo particular para fazer do seu diário “cúmplice” dessas constatações. Mas é exatamente quando a relação público-privado se tornará ainda mais digna de apreciação crítica: o sujeito usará de emoções e sentimentos pessoais para discutir e até analisar assuntos da esfera pública, ou seja, “filtra-se” o público através do particular e projetam-se neste público as impressões, desejos e até neuroses individuais. É mais uma demonstração de quão essas fronteiras podem ser “borradas” e rompidas.

Certamente, o texto diarístico não é um lugar seguro e protegido das investidas alheias. É ilusório pensar que se trata de algo impenetrável e inatingível, principalmente quando o proprietário já não mais interfere na sua “segurança” (por exemplo, quando este vem a falecer e o seu diário vem a público pelos seus herdeiros). Também devemos reavaliar o velho conceito de privado, pois só o fato de o diarista expor-se no papel já é, em si mesmo, a exposição das suas idéias e do seu “eu”.

### **III – Quando o “Eu” é o “Outro”**

Uma outra problemática deveras complexa nas discussões sobre a escrita em diários é a sua natureza enquanto obra, isto é, como configuração inclusive de uma ficção. Neste caso, o diarista não escreve somente para si, mas supõe a presença de um leitor, ainda que este fosse ele mesmo – quando o “eu” é o “outro”.

O intercâmbio entre o diário e o diarista opõe-se à realidade da troca de palavras sobre um referido assunto na presença física daqueles que se comunicam, nada é dito, proferido ou mesmo formulado pela boca, são frases interiores, apoiadas no silêncio, possibilitando que muitos “fantasmas” ganhem faces e muitas máscaras caiam ou mesmo ganhem

força, revelando o mundo pessoal e subjetivo de cada um<sup>1</sup>. Atrás da não-presença física o sujeito pode se preservar e se reservar, como também pode se simular, criar uma pseudo-realidade para si e para o que está escrevendo, culminando num sintomático jogo de verdades e ficções. Escondendo-se de si e para si e em alguns casos para algum receptor, o eu-diarístico adentra numa espécie de “retiro”, isto é, flexibiliza-se a ponto de revelar determinadas verdades, bem como de criar suas próprias simulações<sup>2</sup>.

Na maioria das vezes, nenhum autor de tais textos gostaria que o leitor fizesse parte do seu círculo pessoal de amizades ou parentesco. Com mentiras ou verdades, o diário ainda é um espaço de exposição pessoal, o que leva muitos diaristas a até destruir tudo o que escrevera ao longo dos anos. Entretanto, há determinados autores que nunca esconderam o desejo de que seus textos viessem à luz após sua morte ou mesmo ainda em vida; daí o caráter de “preparação” de alguns diários – certos diaristas simplesmente “selecionavam” o que escrever, inclusive mentindo ou mesmo negligenciando fatos verídicos. São omissões e “dificuldades” com alguns fatos que nos levam, a partir de um exercício crítico, a afirmar que o diário não contém toda a verdade de quem o escreve; inicia-se um jogo sintomático de ficção e realidade que nos faz acreditar na existência (ou pelo menos numa “meta-existência”) de uma obra no sentido literário pois em muitos casos há criação no sentido artístico.

Se em muitas situações o diarista foge do real por motivos pessoais (medo, perseguição...), há aquelas nas quais o interesse e a necessidade de criar são explícitos, a este respeito Denise Schittine informa:

---

1. A escrita de textos pessoais (autográficos) é, por si só, um exercício solitário. Inclusive, essa é uma das discussões relevantes e aprofundada, dentre outros, por Giovane Reale a respeito da desconfiança que já Platão, na Antiguidade, tinha sobre o ato de escrever sobre si próprio.

2. Para a pesquisadora francesa Beatrice Didier, a escrita íntima pressupõe um diálogo (cumplicidade com o próprio destinatário) e uma encenação, ou seja, atua de acordo com as diversas realidades receptoras - constrói-se para quem vai recebê-la, ainda que este receptor seja o próprio diarista. (DIDIER:1989)

*Se a vida não era tão interessante, ela poderia ser reinventada, mesmo que fosse para um leitor imaginário. No livro de artigos de Philippe Lejeune, Pour l'autobiographie, ele escreve sobre Amélie Weiler, uma mulher que viveu no século XIX e que escreveu um diário que, curiosamente, sobreviveu ao tempo. O caso de Amélie é interessante já que ela teve uma dedicação de escritora ao seu diário. O resultado é um texto com a qualidade de um romance. Uma espécie de romance que analisa profundamente de uma jovem, ao mesmo tempo em que esboça uma pintura da cidade onde ela vive, de uma determinada classe social e de uma época. Lejeune explica que, mesmo sendo confidencial, o diário de Amélie Weiler foi feito para ser descoberto por outra pessoa. (SCHITTINE, 2004:63-64).*

Nesta autobiografia em “estado bruto”, existe um interlocutor que pode ser o próprio diário enquanto objeto (há uma personificação do mesmo), daí as tradicionais formas de iniciar a escrita do dia: *querido diário, querido amigo* etc.ou então as famosas despedidas: *adeus meu querido diário, até amanhã, amanhã volto a escrever* etc.

Outro aspecto importante é que o diário também pode ser responsável por uma dissolução da realidade, não trabalhando unicamente para uma construção. Ele não só constrói/destrói a realidade vivida como também a personalidade de quem o escreve, fragmentando o eu em várias partes, o que o torna um excelente mecanismo para se mentir. Este “eu” se torna outros personagens, imagina-se outras pessoas com uma história de vida diferente daquela que o autor possui, mais uma vez nos levando a crer na sua natureza ficcional, ou seja, um verdadeiro romance.

Por essas razões, o diário íntimo também pode tornar-se um espaço ideal para a simulação, para a ficcionalização de um “eu” que se constrói aos poucos, dia após dia, folha após folha. Outro aspecto importante é que o diário também pode ser responsável por uma dissolução da realidade, não trabalhando unicamente para uma construção. Ele não só pode construir/destruir a realidade vivida como também a personalidade de quem o escreve, estilhaçando o “eu” em várias partes, o que o torna



um excelente mecanismo para se mentir.

Outro aspecto importante a ser ressaltado é a dimensão física dos diários: as cores do papel, as formas utilizadas, o tipo de letra que foi empregada e as inúmeras combinações desses elementos entre si. É sintomática essa importância do material físico que compõe as folhas de um diário, de uma caderneta de anotações, principalmente se levarmos a nossa interpretação pelas vias psicanalíticas. Tocar se sobrepõe ao ato de ver, logo a mão se torna o órgão por excelência do papel da escrita: escrever, desenhar, fazer colagens ou mesmo rasgar uma folha, tê-la nas mãos, cheirá-la, amassá-la, abri-la, (des)dobrá-la, enfim, são pequenos gestos que necessitam da habilidade de uma pessoa.

Mas é sobretudo na posse (in)consciente do diário que, ao tocá-lo, remetemo-nos a uma outra implicação – o manuseio do mesmo pode criar uma sensação de “aproximação” física e um outro qualquer: a diário pode ser beijado e sentido como se o receptor o estivesse fazendo com uma outra pessoa qualquer, tal fato é comum nos diários de adolescentes. Como bem observou Andrée Crabbé Rocha: *Escreve-se, pois, ou para não estar só, ou para não deixar só. Lição de fraternidade, em que as palavras substituem os atos ou os gestos* (ROCHA, 1965:13). O toque real do papel pode provocar uma transferência psíquica ao toque imaginário do outro, ou seja, corroborando ainda mais para a criação de falsas realidades e de suas respectivas encenações.

Podemos afirmar que nenhuma escrita é totalmente independente, o autor se faz presente de alguma forma ao longo do texto – seja para retratar fatos reais ou então (re)criar ficções. Mas resta-nos uma pergunta assaz intrigante: até que ponto a ficção pode falar mais da realidade do que uma escrita supostamente verdadeira como o diário?

#### **IV – Os Diários Espirituais – Quando Deus é o Interlocutor**

Determinadas áreas dos Estudos Crítico-Literários têm se ocupado em sistematizar os diários de personalidades e até mesmo de pessoas

comuns, como é o caso da APA – *Association Pour l’Autobiographie* – instituição fundada por Philippe Lejeune em 1992 que tem como objetivo a leitura crítica de numerosos escritos íntimos de anônimos de mais diferentes épocas. Contudo, ainda não foi feito um trabalho sistematizando e avaliando os chamados “diários espirituais”, bem como as condições históricas nas quais eles foram escritos contribuindo para legitimá-los ou então “queimá-los” como heresia.

Escritos por santos, místicos, teólogos e todos aqueles que, de alguma forma, fizeram uma profunda experiência religiosa ao longo das suas vidas, esses textos – ao contrário da Crítica em literatura – sempre foram considerados como importantes testemunhas da trajetória espiritual daqueles que os escreveram. Na verdade, há um caminho dúbio: eles podem ser uma excelente amostra de como Deus operou maravilhas através da fé do diarista, como também podem contribuir para “provar” que o autor se “desviou” da sã doutrina da Igreja, enveredando para considerações e teorizações heréticas do ponto de vista da ortodoxia teológica.

A Igreja atravessou os seus séculos de existência ultrapassando os limites do tempo e do espaço, por isso mesmo que determinadas considerações sobre as escritas diarísticas ordinárias nem sempre se aplicam à realidade católica. Como se sabe, um grande impulso às “escritas do eu” (especialmente os diários) foi dado a partir da segunda metade do século XVIII quando a sociedade ocidental passou por um considerável processo de individualização do ser humano, o que se repercutiu na intimização da própria escrita criando, desta forma, determinados gêneros textuais já conhecidos. Todavia, a vivência da solidão nos âmbitos monacais e conventuais sempre foi uma prática valorizada e necessária para o andamento correto da vida religiosa. “Deus se encontra no silêncio, no trabalho e na oração”, é o lema das principais ordens monásticas



até hoje, por isso a “filosofia” de São Bento<sup>3</sup> consistia em “Ora et Labora” (“Ore e Trabalhe”).

Tais ambientes e posturas de vida dotados de uma profunda ascese místico-espiritual propiciaram uma quantidade imensurável de escritos: teses dogmáticas, hagiografias, traduções, tratados filosófico-teológicos (sumas) e alguns tipos de escritas íntimas. Na Antigüidade proto-cristã, o “gênero diarístico” ainda não estava consolidado como o conhecemos hoje, outros gêneros possuíam prestígio por parte dos autores: a epistolografia<sup>4</sup>, os evangelhos, as parábolas, os diálogos etc. Mas este momento conhece o principal “ancestral” do diário – a autobiografia.

É com Santo Agostinho que temos o início canonizado das escritas autobiográficas na Igreja. Em 379 d.C. ele escreve as suas *Confissões*, importante livro onde retrata a sua vida desde a época de pecador e agnóstico até sua conversão ao Catolicismo e os motivos que o levaram a ela. Santo Agostinho defende a tese da eterna presença de Deus no seio do íntimo humano, o que lhe propicia a abertura ao Infinito, a Deus, por isso a realidade da conversão. *Confissões* foi escrito na sua velhice, é comovente como retrata a “luta” de sua mãe – Santa Mônica – para que ele se convertesse, o autor faz um verdadeiro levantamento do seu estado de “cegueira” espiritual antes de se encontrar definitivamente com Deus, não é à toa que um dos capítulos mais belos da obra se chama justamente *Tarde Te Amei*.

As *Confissões* de Santo Agostinho abriram caminho para inúmeras outras obras que tivessem como característica os relatos e práticas es-

---

3. São Bento era natural de Núrsia, cidade do interior da Itália. Fundou a primeira ordem monástica do Ocidente – a Ordem dos Beneditinos, base de todo o movimento monacal do medievo católico.

4. A epistolografia era um gênero textual de grande importância, possuindo regras próprias quanto à forma (eram metrificadas e algumas até rimadas) e ao conteúdo. As cartas eram utilizadas não somente como meio de comunicação, mas também possuíam uma natureza artístico-estilística como bem atesta a *Epístola aos Pisões (a Arte Poética)* de Horácio, verdadeiro manual de Teoria Literária e Estilística clássicas; ou então as *Heróides* de Ovídio, conjunto de vinte e uma cartas fictícias trocadas entre os casais mais famosos da Mitologia e Literatura Clássicas.

pirituais de quem as escrevessem, o que proporcionava grande valor a este tipo de texto uma vez que estivessem em comunhão com o cânon da Igreja. Outra dificuldade encontrada pelos autores antigos para uma escrita diária era de natureza material: o acesso a materiais como pergaminhos e mais tarde o rústico papel era muito difícil e restrito, privilegiando-se uma ou outra obra de maior importância. Isto sem dizer que não era permitido ao religioso levar material de escrita para o seu quarto (a chamada “cela”), ele tinha de escrever no ambiente comunitário (geralmente nas bibliotecas ou *Studium*) destinado a tal prática, o que modifica bastante toda aquela ambientação íntima necessária à prática diarística. Inúmeras obras literárias e religiosas se perderam com o passar do tempo: destruição voluntária, saques e pilhagens, perseguições ideológicas, calamidades naturais ou simplesmente a inexorável ação do tempo.

Na perspectiva de Santa Teresa de los Andes, diarista analisada neste ensaio, um fator de enorme importância é o fato de a mesma pertencer à Ordem Carmelita. Dentre as tantas ordens religiosas da Igreja, os (as) carmelitas são conhecidos (as) pela ascese mística e pelo grande valor dado à escrita íntimo-pessoal. Vários dos seus integrantes se aventuraram nas “letras da fé” para expressarem o seu mundo transfigurado pela graça de Deus. É o caso de Santa Teresa de Ávila, a grande reformadora das antigas tradições do Carmelo. Teresa de Ávila juntamente com São João da Cruz viram com certo ceticismo a “onda” modernizante que o Renascimento trouxera aos meios eclesiásticos, chegando a atribuir o cisma da Reforma Protestante a essas novas ideologias. Defendiam um Carmelo mais próximo à radicalidade evangélica, própria do início do Cristianismo; foi quando criaram as Ordens dos Frades e das Irmãs Carmelitas Descalças (as), numa clara cisão à Ordem Antiga, por isso

são chamados de “reformadores”<sup>5</sup>.

Essa Ordem reformada ajudou e incentivou os estudos e os escritos dos seus membros, tanto que é desta época outra autobiografia de peso – *O Livro da Vida* – de Santa Teresa de Ávila<sup>6</sup>. Verdadeiro “itinerário” espiritual de sua alma, no livro Teresa estabelece os “níveis” acéticos para se chegar ao infinito que é Deus; chega mesmo a utilizar expressões e palavras de caráter íntimo para relacionar-se a Deus e a Jesus – trata-se da intimidade entre a alma e o Criador que estabelecem relações de intensa proximidade. Dignos de apreciação são os próprios escritos de São João da Cruz (especialmente os poemas), os tratados filosóficos e teológicos de Edith Stein, a autobiografia espiritual de Santa Teresinha do Menino Jesus, as sumas teológicas de Elisabeth da Trindade e o diário e as cartas de Santa Teresa de los Andes<sup>7</sup>.

O momento histórico desta última é bastante conturbado nos planos pessoal e espiritual, daí esse retorno já falado ao próprio ego, fazendo deste um ambiente seguro para a expressão íntima dos medos e das elevações do espírito. É quando podemos afirmar que Deus se torna o principal interlocutor do diarista.

## V – O Diário de Santa Teresa de los Andes

Mesmo tendo morrido com apenas vinte anos, Teresa de los Andes deixou uma obra no mínimo considerável: seis cadernos escritos que compõem o seu diário e um conjunto de 164 cartas, estas endereçadas

5. A bem da verdade, Teresa de Ávila não foi totalmente contrária ao que genericamente chamamos de “modernidades”, especialmente pelo fato de que qualquer “reforma” pressupõe, de alguma forma, a modernização ou a readequação das regras. O problema é que uma das desconfianças lançadas pela Igreja da época sobre a obra de Teresa estava justamente na sua afirmação do subjetivo (da relação com Deus), o que a fazia refratária, em alguns momentos, ao peso do Institucional.

6. É mister lembrar que Teresa de Ávila foi aconselhada a escrever esta obra, pois desconfiava-se que sua perspectiva místico-literária se aproximava, sobremaneira, das concepções dos “alumbrados” de Toledo.

7. Por grande coincidência, várias santas carmelitas receberam o nome religioso de “Teresa”.

aos amigos mais íntimos, aos familiares, aos padres seus diretores espirituais e a algumas outras religiosas.

Teresa (ainda Joana) começa a escrever o que virá a ser seu diário em 1915 quando ingressa como aluna interna do Colégio de la Maestranza do Sagrado Coração. É importante ressaltar que dos seis cadernos que darão origem ao seu diário, os dois primeiros se configuram como uma autobiografia que abarca os anos entre 1915-1917. É no primeiro caderno que ela faz a dedicatória do texto à Madre Júlia Rios, então superiora do Colégio do Sagrado Coração onde Joana (ou *Juanita*, como seus familiares a chamavam antes de ingressar na vida religiosa) era interna; o intento inicial era tão autobiográfico que ela o intitulou de “História da vida de uma de suas filhas”:

*Madre querida: a senhora acredita que vai encontrar-se com uma história interessante. Não quero que se engane. A história que vai ler não é a história de minha vida, mas a vida íntima de uma pobre alma que, sem mérito algum de sua parte, foi querida especialmente por Jesus Cristo, que a acumulou de benefícios e graças.*

Percebemos bem clara a cisão entre a “verdadeira história de sua vida” e aquela que ela vai contar – a “vida íntima de uma pobre alma”, ou seja, já existe desde o primeiro parágrafo do seu diário uma certa tensão entre o real e aquilo que estava sendo representado<sup>8</sup>.

Seu diário se caracteriza, dentre outros aspectos, por ser deveras incompleto, com imensas lacunas de dias, semanas e até de meses completos. Ela mesma lamenta em várias passagens o fato de não manter em dia as suas anotações pessoais, como nesta de setembro de 1915:

*Sábado, 11. Mesmo que queira escrever meu diário todos os dias, me é impossível. Hoje me confessei. Que alívio senti, pois tinha pecados que, ainda que involuntários, não me agrada tê-los, pois com eles afastou-me*

---

8. Tal cisão não é um problema. Ao contrário, é a certificação por parte do místico de que o que lhe interessa é expor o que tem de mais real para ele próprio, ou seja, sua relação com o transcendente.

*de Jesus e aflijo-o. E, como o amo, preferiria morrer antes de ofendê-lo.*

Isto sem esquecer que a maior parte do seu diário foi escrito antes da entrada no Carmelo; após este fato são raras as vezes que ela vem ao papel para expressar-se, somente escreve dez vezes ao longo de onze meses no convento, certamente porque o ambiente conventual lhe exigia uma severa disciplina que não lhe dava tempo para a escrita.

São raros os momentos em que a diarista fala de fatos e acontecimentos comuns do seu cotidiano<sup>9</sup>; o espaço do diário tem como principal objetivo o de registrar reflexões e planos de engrandecimento espiritual. Contudo, em algumas linhas deparamo-nos com o seu dia-a-dia:

Terça-feira, 14. Hoje é a festa de Madre Izquierdo<sup>10</sup>. Tivemos dia de folga. Passamo-lo muito contentes. Brincamos de esconde-esconde e depois de bandeirinhas, e nós ganhamos. [...] Saímos hoje. Estamos felizes. Fomos nos confessar e depois à Alameda. Porém, achava-me muito alheia a este passeio, pois pensava quem pensaria n'Ele, e eu procurava unir-me o mais possível; assim desfrutava o passeio. Vimos Miguel<sup>11</sup>, que está servindo o Exército, e fazia mais de um mês que não o via. Quero-o tanto... Foi promovido a cabo. Estou muito contente.

Os místicos são antes de qualquer coisa pessoas comuns, pois é justamente a partir da dimensão humana que se chega à divina. Tal fato modifica a relação do diarista com o seu texto, pois ainda que o objetivo final seja a elevação espiritual através do registro cotidiano, este é perpassado por outros assuntos não pertinentes às causas da santidade,

---

9. Assim como os Evangelhos não possuem uma intenção biográfica a respeito de Jesus, os diários espirituais têm como principal objetivo a reflexão pessoal acerca da natureza mística que envolve o diarista e o Mistério, o Absoluto, o Transcendental.

10. Trata-se da Madre Eugênia Izquierdo Silva. Durante o seu tempo no Internato do Sagrado Coração, Juana teve Madre Izquierdo como Mestra Geral; foi conhecida pela sólida formação religiosa que dava às alunas. Morreu em setembro de 1943.

11. Miguel era o seu irmão mais velho.

o que nos leva a acreditar num certo hibridismo do material diarístico<sup>12</sup>. Mas não demora muito para que ela retorne à linguagem tão peculiar aos diários espirituais, como neste fragmento de outubro de 1917:

*07 de outubro. Jesus me pede que seja santa. Que faça com perfeição meu dever. Que o dever – me disse – é a cruz. E na cruz está Jesus. Quero ser crucificada. Disse-me que salvasse as almas. Eu lhe prometi. Que também o consolasse, pois se sentia abandonado. Aproximou-se de seu Coração e me fez sentir as... Sinto que se apodera de meu ser. Amo-o.*

É esta a abordagem comum nos textos espirituais – uma espiritualidade que alcança a até mesmo a sensualidade, é a total imersão no divino mistério que é Cristo que aos poucos “se apodera” daquele(a) que Nele mergulha.

Fica bem claro para quem lê suas linhas que ela escrevia sempre à noite, pois fica evidenciado que Teresa “reflete e rumina” os acontecimentos do seu dia, refletindo-os à luz da fé e da contemplação mística, fazendo deste momento do seu dia algo proveitoso para a busca do seu “caminho de perfeição”.

## VI – A Linguagem Mística

Uma questão que nos instiga diz respeito à linguagem utilizada por ela para escrever os seus textos. Na verdade, a linguagem dos místicos nesses tipos de textos é bem diferente daquela encontrada nos diários de autores que não se vinculam aos escritos espirituais.

A primeira questão que se levanta é uma espécie de “intimidade” com o divino. Dentro da doutrina católica, a religiosa ao professar os seus votos perpétuos recebe uma aliança na mão esquerda que simboliza a sua união eterna a Jesus e à sua Igreja, trata-se na verdade de

---

12. “Hibridismo” aqui na perspectiva puramente do Gênero Literário, isto é, no Diário outras naturezas textuais também são escritas e inscritas: poemas, reflexões, colagens de fragmentos extras, material jornalístico, fragmentos de cartas e bilhetes etc.



um casamento espiritual onde Cristo é o Eterno Esposo, daí uma certa sensualidade mística nas escritas diarísticas: é a solidão do claustro e o vazio afetivo unidos à fé e ao texto como podemos perceber neste fragmento de 21 de fevereiro de 1919:

*Acabei de fazer minha meditação. Li primeiro no livro que me deu o padre as excelências da vocação. Antes, comunguei espiritualmente e Nosso Senhor me disse que queria que vivesse com Ele em comunhão perpétua, porque me amava muito. Eu lhe que se Ele quisesse poderia, pois era Todo-poderoso. Depois me disse que a Sma. Trindade estava em minha alma; que a adorasse. Imediatamente fiquei muito recolhida, a contemplava e me parecia que estava cheia de luz. Minha alma estava aniquilada. Via sua grandeza infinita e como baixava para unir-se a mim, um nada miserável, Ele, a Imensidão com a pequenez; a Sabedoria com a ignorância; o Eterno com a criatura limitada; porém, sobretudo, a Beleza com a fealdade; a Santidade com o pecado.*

Percebe-se claramente o grau de união e afetividade espiritual entre a diarista e a sua Divindade, Jesus é sempre aludido como alguém bem próximo – *Nosso Senhor me disse que queria que vivesse com Ele em comunhão perpétua* – ela escreve como se estivesse conversando diretamente com o próprio, é a total inserção na mística que aproxima o Divino do humano, relativizando tais fronteiras. Tal situação também é verificada quando Teresa fala da (ou com a) Virgem Maria:

*Estou na meditação. N. Senhor me disse que meditasse sobre a pureza da Virgem. Ela, sem dizer-me nada, começou a falar. Eu não conheci sua voz e perguntei se era Jesus. Ela me respondeu que N. Senhor estava dentro de minha alma, porém que Ela me falava. Disse-me que escrevesse o que me dizia acerca da pureza.*

Novamente, o tom coloquial impera no registro da sua escrita em relação à Virgem: Ela e seu filho simplesmente “falam” com a diarista que registra tudo nas suas páginas, demonstrando uma proximidade entre os mesmos.

Outra questão sintomática nesta íntima relação com o Divino diz respeito às mortificações, especialmente quando “se mata o eu”, experiência muito comum na mística cristã a partir da Idade Média, já que na Antiguidade tal prática não era uma norma, que o diga Pseudo Dioniso Areopagita, cuja experiência de mística não contemplou as mortificações. Para alguns místicos, a morte do “eu” é necessária e é também o centro de sua ascese, pois só a partir daí Deus ocupará o ser por inteiro – corpo e alma. Não se trata de morte no sentido natural, porém “mata-se” tudo aquilo que impeça a total e definitiva “ocupação” do Divino, principalmente determinados aspectos materiais e comportamentais, como podemos observar nesta passagem de 29 de novembro de 1917:

*Falou-me que o que devia tratar de fazer – como Jesus queria que fosse vítima – era fazer morrer o eu. Para isso, não ter vontade própria; não falar de mim mesma, nem a favor nem contra, como de um ser que não existisse, como o nada criminoso que era; que me humilhasse diante de Deus; que reconhecesse sua grandeza e, ao mesmo tempo, meu nada, minha baixaza.*

Esta passagem registra uma linguagem bastante peculiar aos escritos íntimos de caráter religiosos: a pequenez humana diante da grandiosidade divina. Os místicos acreditavam na premissa de que Deus é infinito e superior em todas as suas dimensões constitutivas, relegando ao Homem a sua insignificância diante desta grandiosidade. Por isso certas expressões que, aos olhos de hoje, impressionam: *meu nada, minha baixaza, não ter vontade própria* e outras. Tal mortificação não se dava apenas nos aspectos subjetivos, mas também nas ações mais simples do dia-a-dia:

*Julho, 19. Nosso Senhor me pede que me mortifique em tudo. Não só não ter satisfações, mas que também me mortifique nas comidas; que coma de tudo um pouco. E sinto debilidade durante o dia, mas o ofereço a Jesus. Porém, o Padre me disse que não me prive da comida; o outro padre me deu permissão para jejuar uma vez por semana e não sei o que fazer. Creio que o melhor é consultar Jesus*

[...]

*Julho, 31. Tiraram-me o dente, graças a Deus, porém cloroformada. Sofri com o dente como já não é possível dizer. Passei duas noites sem dormir e ontem gritava de dor; porém, à noite, me propus não chorar para oferecê-lo a Deus e agüente a dor toda a noite sem queixar-me. Gosto da dor de dente porque me fez sofrer.*

Este é o único comentário feito para este dia, 19 de julho de 1918. Novamente, impressiona o tom coloquial com o qual ela se dirige a Cristo: *Creio que o melhor é consultar Jesus*. A mortificação é também verificada através da dor física: o sofrimento resignado eleva a alma a Deus, é o sentido cristão do sofrimento humano, ou seja, a dor que propicia a redenção definitiva – uma nova semântica dos próprios sofrimentos humanos de Jesus.

Nas suas últimas palavras escritas no diário, Santa Teresa de los Andes expõe algumas resoluções para uma boa vida dentro do Carmelo; das onze intenções espirituais que muito a ajudariam uma explícita essa “morte do eu”, caso Teresa não falecesse tão prematuramente: “Considerar-me sempre um ser desprezível, tanto para as criaturas como para Deus, e aceitar alegre as humilhações, os esquecimentos das criaturas e de Jesus, sem abater-me”.

É uma espécie de “nadificação” do humano em detrimento da divindade, isto é, o *ser desprezível* que busca preencher-se dos Céus.

## VII – O Fim do Diário

No seu ensaio *How do diaries end?*<sup>13</sup>, Philippe Lejeune nos apresenta algumas informações pertinentes ao ato de finalizar um diário. O que é considerado como um ato normal e natural de quem se dispõe a escrever um diário, o fim deste é analisado pelo olhar crítico de Lejeune, que traz à luz algumas “inquietações”. Uma delas é que os diários possuem sempre um início bem definido, com apresentações, dedicatórias

13. “Como os diários terminam?”

e compromissos com a verdade. Entretanto, os finais nem sempre são bem definidos ou programados pois não se tratam de autobiografias definidas.

Alguns diários já iniciam com um fim previsto como é o caso dos diários de viagens, de pesquisas ou aqueles destinados a registrar situações específicas de quem escreve. Contudo, os diários comuns não visualizam o seu fim pré-determinado pois o diarista não imagina o final do seu diário e nem encara a página da escrita como sendo a última, inclusive o texto pode ser interrompido de forma definitiva pelas mais variadas razões: morte, doença, perda, destruição voluntária etc.

Teresa de los Andes pensava em destruir o seu diário. Em 03 de abril de 1919 (um ano antes de entrar no Carmelo), ela dá indicações do que deveria ser feito com os seus textos:

*02 de abril. Faz tempo que não escrevia meu diário, cujas folhas logo vou entregar ao fogo. É preciso que quando eu me encerre no Carmelo morram todas as lembranças do desterro, para só viver a vida escondida em Cristo. Minha mãe e a Rebeca<sup>14</sup> o pediram, porém são coisas tão íntimas da alma, que a ninguém, a nenhuma criatura, é permitido penetrar. Só Jesus pode lê-lo. Sua mão divina tem delicadeza suficiente para tocar-me e não me ferir. Além disso, encerram estas páginas tantas misérias, tantas infidelidades e todo o amor desse divino Coração para com esta alma tão infiel, que só por esse motivo me agradaria que o lessem. Mas há favores que Deus faz às almas escolhidas que não devem ser reconhecidos, e que só a alma deve recordar.*

Geralmente, o fogo é o destino final de muitos diários<sup>15</sup>. Seja por vontade própria do autor ou às vezes por determinação dos seus her-

14. Trata-se de uma das irmãs de Teresa.

15. Dentre as tantas acepções para a simbologia do fogo, Jean Chevalier explica: "O aspecto destruidor do fogo implica também, evidentemente, um lado negativo; o domínio do fogo é igualmente uma função diabólica. A propósito da forja, deve-se observar que seu fogo é a um só tempo celeste e subterrâneo, instrumento de demiurgo e de demônio. [...] O fogo, na qualidade de elemento que queima e consome, é também símbolo de purificação e de regeneração. Reencontra-se, pois, o aspecto positivo da destruição: nova inversão do símbolo". (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2001, 442-443)

deiros, a vontade de destruir o diário coexiste com um certo “pavor” em torno de uma obra que não contém unicamente a vida de quem o escreveu, mas também as interseções de outras pessoas através do convívio cotidiano com o diarista. As relações íntimo-pessoais podem ser marcadas por momentos que comprometem as respectivas trajetórias de vida, contribuindo para esta apreensão em relação ao diário.

Daí a simbologia do fogo, pois o seu poder de destruição é definitivo e não deixa resquícios que possam ser recuperados, já que as cinzas também são efêmeras e podem simplesmente desaparecer ao sabor dos ventos. O fogo também é *purificador*, funciona como uma espécie de “ritual de passagem” de uma realidade à outra; Deus comunicou-se com Moisés através de uma pequena árvore (a sarça) em chamas para transmitir os seus mandamentos. É a “morte eterna no fogo” uma das principais ameaças que Jesus fazia aos seus desafetos: o *Xeol* – versão hebraica do inferno. Isto sem dizer que a frase final que os condenados da Inquisição ouviam antes de as chamas serem acendidas era: *Purificai vossa alma e vosso corpo no fogo*.

Assim compreendemos o desejo que não é só de Teresa de los Andes, porém de inúmeros diaristas. Graças a diversos fatores, tal vontade não é atendida por aqueles que ficam responsáveis pelo espólio do autor, é quando o diário é definitivamente colocado no domínio público, principalmente quando é publicado. Mas a religiosa é clara quando propõe que *morram todas as lembranças*, é o momento que Juana cede espaço à Teresa e esta assume uma nova identidade, então seu diário é uma reminiscência do passado que, se não esquecido totalmente, é escrito pouquíssimas vezes após a entrada no Carmelo.

A última página do seu diário termina com algumas reflexões e onze advertências espirituais para ser uma boa freira – as chamadas onze resoluções. Suas últimas linhas foram escritas em novembro de 1919 após a tomada do hábito de carmelita, sem a menção de uma data mais específica. Alguns meses depois, em 12 de abril de 1920, Teresa de los

Andes faleceu com ares de santidade em Santiago, capital do Chile. Em 03 de abril de 1987, o Papa João Paulo II celebrou sua beatificação numa cerimônia que reuniu mais de trezentos mil chilenos na capital daquele país. Em 21 de março de 1993, ela foi canonizada pelo mesmo pontífice na Basílica de São Pedro, em Roma.

## VIII – Conclusão

Analisar criticamente textos das chamadas “escritas do eu” ainda é um desafio assaz inquietante para a Crítica Literária, principalmente porque para uma adequada compreensão desses textos são necessários inúmeros “cruzamentos” de outras áreas do conhecimento, já que o diário é também uma oportunidade de desabafo e registro de um fragmento da biografia de quem o escreve. Dentre tantas questões importantes, uma se levanta: a relação pessoal entre o diarista e o objeto – o próprio diário como interlocutor daquele que o registra; a abertura sincera (quando de fato o é) do diarista em relação ao papel é, em si, sintomática, pois este não fala e não revela de forma voluntária, é preciso a disposição de alguém em ir ao encontro do texto; daí surge a falsa ilusão de que ele é eternamente seguro.

A juventude de Santa Teresa de los Andes é um fator de ruptura, especialmente porque não esperamos de uma pessoa tão jovem a disposição de aprofundar-se de forma tão integral nas discussões em relação à prática da ascese espiritual. Teresa (assim como todos os místicos) faz dos seus textos uma espécie de “laboratório” para a obtenção das graças de Deus. É o mergulhar no seu divino mistério redentor através de uma reflexão pessoal diária e posterior registro da mesma no papel. Por isso a própria Teresa de los Andes ter especulado em intitular sua obra de “História da minha vida”.

Os diários dos santos e místicos ainda não receberam o tratamento crítico-analítico merecido, várias são as publicações cujos objetivos são seculares: despertar em quem lê o gosto e o interesse pela espirituali-



dade, ou seja, seguem-se ainda hoje os intentos de outrora – a leitura e a vivência do diário espiritual como mecanismos de engrandecimento místico.

## IX – Bibliografia

- ANDES, Santa Teresa de los. *Diário e Cartas*. São Paulo: Loyola, 2000.
- CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2000.
- DIDIER, Beatrice. *La correspondance de Flaubert et George Sand - Les amis de George Sand*. Paris: Fayard, 1989.
- LEJEUNE, Philippe. *Cher Écran: Journal personnel, ordinateur, internet*. Paris: Éditions du Seuil, 2000.
- \_\_\_\_\_. *How do Diaries End?* Disponível em [www.uestia.com/PM.qst?action=print&docId=5001019979&pgNum=1](http://www.uestia.com/PM.qst?action=print&docId=5001019979&pgNum=1)
- \_\_\_\_\_. *Le moi de demoiselles: enquête sur le jeune fille*. Paris: Éditions du Seuil, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Le pacte autobiographique*. Paris: Éditions du Seuil, 1996.
- MORESCHINI, Cláudio & NORELLI, Cláudio. *História da Literatura Cristã Antiga e Grega e Latina – De Paulo à Era Constantiniã*. São Paulo: Loyola, 1996.
- ROCHA, Andréa Crabé. *A Epistolografia em Portugal*. Coimbra: Almedina, 1965.
- RODRIGUES, Leandro Garcia. *Uma leitura do Modernismo – Cartas de Mário de Andrade e Manuel Bandeira*. 2003. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.
- SCHITTINE, Denise. *Blog: Comunicação e Escrita Íntima na Internet*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.
- SCIADINI, Frei Patrício. *O Carmelo – História e Espiritualidade*. São Paulo: Loyola, 1997.